JOAQUIM TERROSO

Beijos e Sátiras

VERSOS

134.3-1Terroso,

Ao Digno e Ilustre Director
do Jornal - "O Noticias de Barcelos"
Em testemunho de admiração,

O Autor

Beijos & Sátiras

DO MESMO AUTOR:

CARTAS D'ALDEIA (em preparação)

JOAQUIM TERROSO

Beijos & Sátiras

VERSOS

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA MUNICIPAL
Nº 55033

1.ª EDIÇÃO

A' lembrança saüdosa que me ficou

DE

A L G U É M

O AUTOR

PRÓLOGO

NAS suas múltiplas e variegadas maneiras de interpretar a vida, nos seus diferentes, quão doentios, paladares, para a apreciação dos bons e maus bocados, que ela contêm, o homem, foi, é, e será, através de todos os tempos, no delírio estonteante dos seus caprichos insaciáveis, que uma verdadeira e indómita febre de ambição lhe provocou, uma enorme interrogação, talvez uma espécie de féra dotada de raciocínio e, por isso mesmo, perigosa e extraordinária.

Admitida esta teoria, que não é nova, pois bem sei que não fiz mais do que respigar, para aqui, um conceito célebre entre homens não menos célebres, resta pesquisar qual a verdadeira origem, a génesis dêsse instinto felino que nos corroi a vida.

Mas, como também seria maçador, e até impróprio, transformar uma simples advertência, num estudo filosófico, com a agravante (dupla maçada) de para tal fim me atraiçoar o mereci-

mento, limitar-me-ei a tocar o assunto muito pela rama, demais que o meu principal objectivo, é dar uma satisfação ao amavel leitor, para que, de sobre-aviso, receba os meus versos com mais indulgência.

Ora vejámos:

M. S. Cambray, refere-se no seu soberbo estudo sobre a famósa obra — Paul & Verginie, de Bernardin-de-Saint-Pierre — à flagrante verdade que a seguir transcrevo:

«Que vous importe, pourvu qu'elle vous intéresse? Voulez-vous détruire votre illusion et votre plaisir? L'homme est une étrange créature! Donnez une rose à un enfant, il veut savoir comment elle est faite; il l'arrache feuille à feuille, et quand il a satisfait son imprudente curiosité, il n'a plus de rose!»

No conjunto destas circunstâncias, pois, todo

o homem sofre, e, mais profundo será o seu sofrimento, quanto mais rapidamente se desfolhar a rosa que êle sonhou.

Todo o homem, repito, traz consigo a desilusão, a dôr que o persegue implacávelmente, que o tortura, que, com atrocidade, lhe retalha a alma em fúrias de abutre sobre os figados de Prometeu.

¿No remoínho, nesta turbina ciclópica da Terra, quantas Anvers de quiméra escalavradas pelo *Berta* da realidade?!

¿Quantos sonhos de glória desfeitos pelo impertinente e terrivel despertar dum sôno delicioso?!

¿Quantos anos de desventura a trôco duns momentos de prazer, e quanta felicidade amassada com as lágrimas do próximo?!

¿Quanta labuta exaustiva e inutil, da parte de muitos que, arquitectando sólidos castelos de ventura, verificam mais tarde, com desoladora e

arripiante resignação, a quéda inesperada (ao mais léve sôpro da nortada do destino) do seu castelo de... cartas?!

¿E, por último, quanta sorte preguiçosamente aproveitada, mas assim mesmo profícua, naqueles que encontram no monturo das suas falcatruas, nesse lôdo imundo onde médram, autênticos castelos de... ventura?!

E, nesta barafunda, quantas vozes se levantam no labirinto confuso das opiniões!

Montegazza? Schopenhauer?

Qual falará verdade?

Voltaire. escreveu: — «Quem não sente necessidades nunca é pobre».

Goethe, assusta-nos, dizendo:—«E chamam a isto vida! Os próprios cães da rua, não quereriam dar em trôco désta, a sua».

Tem graça, não é verdade?

Enquanto A. Comte vê na Ordem a razão do Progresso, Nietzche, condena-o, afirmando:—

«O Progresso não passa duma ideia moderna, isto é, duma ideia falsa»!

Quem os compreênde?

¿Não residirá nesta disparidade de opiniões a semente da dúvida, *do ser ou não ser*, dessa inquietação que nos surpreênde e nos lança num amolecimento doentío, o qual, por sua vez, nos leva para uma encruzilhada tenebrosa, que, de acôrdo com a nossa facêta psíquica, nos vai transformando e dividindo em vastas fileiras de neurasténicos, indiferentes, rebeldes, sofredores e... até criminosos?!

Suponho não andar muito longe da verdade pensando assim.

Platão, proclamou:—«A ignorância não é o maior mal nem o mais terrivel...»

Horace Mann, sentenciou:—«A ignorância é de todos os males o mais pernicioso».

Mas, senhores, que horrivel confusão no incomensurável xadrez do pensamento humano!

Nada mais retumbantemente arreliante! Para desvendar a treva, contrapõe-se a treva... e a dúvida, feita dôr, persiste, alimentando nuns, o instinto felino, noutros, a descrença, naqueles a fé, e naquel'outros, um sentimentalismo enfermiço, um supremo desejo de lamentação, uma vontade incontida de segredar a *Alguém* a confidência sufocante das suas maiores emoções!

Sendo assim, eu que me encontro entre a imensa móle dos torturados, necessito, como êles, desabafar, destruir a minha ilusão... desfolhar a minha rosa!

Eis porque ouso publicar os meus versos, que não obedecem ao rigor de regras e de escólas, mas simplesmente à voz do meu sentimento.

Não são bons, bem sei, mas o que mais ambiciono, em parte, é comunicar com *Alguém*, e isto, de-certo, consegui-lo-ei.

E depois, digam-me francamente: — ¿Não se encontra entre as inúmeras constelações que

brilham na extensa e idílica concha do infinito, uma ou outra de mediocre fulgôr?

Pois eu quero luzir também, embora que amortecidamente.

E assim, apenas tomei por lêma, ao pensar nesta publicação, o primoroso sonêto do poéta Euclides Sotto-Mayor, que, com a devida vénia, passo a transcrever:

ORGULHO

Em momentos crueis de mágoa e de saüdade
estes versos compuz, de comoção fremente,
vazando no papel, religiosamente,
os sonhos virginais da minha mocidade!

E' este o meu trabalho. Aí to deixo! Ele há-de
despertar em tu'alma uma saudade ingente
daquele tempo ideal, sublime e transcendente,
que as almas nos uniu num laço de amizade...

Aí to lanço, pois, no teu regaço amado!
Lê-o! Que o teu olhar saudoso e magoado
o envolva numa dôce auréola de carinho!

O resto que me importa? Altivo e orgulhoso
afrontarei o riso alvar e desdenhoso
do mundo sempre vil, criticador, mesquinho!

Lisboa, 1932.

DEDICATÓRIA

A ALGUÉM

São teus os meus pobres versos,
Meu soluçar!
São sonhos, na mágoa imersos,
Ao despertar!

São carpidos, são motejos
Dum sofredor!
São risos, lágrimas... beijos
Dum Grande Amor!

São queixas dum coração
Despedaçado!
São chamas... vivo clarão
Do meu passado!

São fracos, bem sei, Amôr,
Mas é vulgar
Áquele que sente a Dor...
Desabafar!

Beijos

RECORDANDO

RECORDAÇÃO SAÜDOSA

¿Sempre impelido, sempre, ás mais ignotas plagas
Pela noite sem fim de que não ha voltar,
Não nos é dado, pois, dos séculos nas vagas,
Ao menos um só dia a âncora deitar?!

Devias reflectir de novo a Sua imagem,
O' mar!—Inda ha bem pouco é que isto se passou!
Olha: venho sentar-me agora á tua margem,
Solitário, na pedra em que Ela se sentou!

No côncavo rochedo, assim tu soluçavas;
Tuas ondas, ali, partiam-se uma a uma;
E éra assim, também, que ao vento te encrespavas,
Borrifando Seus pés d'aljôfares de espuma!

Vogámos uma vez. Lembras-te? Pelo espaço,
A' noite, nesses céus, das águas pela flor,
Só dos remos se ouvia o plácido compasso
E da onda harmoniosa o mágico rumor!...

Mas... tudo isso acabou...

¿Do amor a embriaguez libáda em plena táça,
Póde, ó tempo cruel, morrer também assim?
¿O dia do prazer e o dia da desgraça
Fogem no mesmo vôo e têm o mesmo fim?

Duma vez para sempre, então, tudo se apaga?!
Do momento feliz não ficam nem sinais?!...

—O tempo é quem o dá, o tempo é quem o traga...
A hora em que se amou não volta. Nunca mais!

Grutas, florestas, mar e vós, minha esperança,
Vós, que o tempo respeita enquanto o homem cai,
Guardai daquela noite, ao menos, a lembrança,
Formosa Natureza, eu peço-vos, guardai.

Fique, ali, lindo mar, a imagem adorada,
Quer o zèfiro cante ou ruja o vendaval;
Na branca penedia ás águas debruçada,
Na verde encosta, além, na sombra do pinhal!

Fique nesse rumor, que vai de praia em praia,
Fremente, a palpitar na voz da viração,
E no astro do amor, que, lânguido, desmaia
E quebra em teu espelho o pálido clarão!

MUNICIPIO DE BARCELO
BIBLIOTECA

O vento que murmura, a vaga que suspira,
Os perfumes que o ar exala em tôrno a ti,
Tudo quanto se vê, e se ouve, ou se respira,
Possam sempre dizer:—Amaram:
Foi aqui!...

REMEMBER

Lembras-te, acaso, dêsse amôr infindo
Que então juramos numa febre louca?
Lembras-te ainda (ó que momento lindo!)
Do longo beijo que te dei na bôca?

¿Lembras-te, mais, de quando (e tu carpindo)
Fingi minh'alma indiferente e mouca;
E, a pouco e pouco, subtil, sorrindo,
Peça por peça, te despi a roupa?!

E por fim, nua, nua inteiramente,
Lembras-te, Amor, daquele gôzo ardente
Ao beijar-te no seio a pôma erecta?

Lembras-te?... Sim... nada maior na vida!...
Pois foi assim... beijando-te, Querida,
Que te fiz Mãi e me tornei poéta!

RECORDAR É VIVER

O' que tristeza infunde o luar,
Perto do mar, em noite amêna!
N'água serêna é bom vogar...
Vamos remar, gentil morena?

Não vais pequena? Então? E' medo?
Que feio enrêdo em teu pensar!...
Pois, navegar, assim (que ledo!)
Não mete medo e faz sonhar!

Hoje, ao pensar nesse passado,
De sonho eivado... esfuzilante,
O meu descante é perfumado,
Do amor alado e inebriante!

E o mar, gigante, reflectindo
Meu sonho lindo, envolto em bruma,
Traz, uma a uma, ondas carpindo,
Como balindo écos de espuma!

EMIGRADO

Tenho fome, meu Deus,—que atroz martírio!—
Longe da Pátria, sem ter pão nem quarto!
Triste miragem, ao partir, és Lírio,
Hoje, és Saudade de que vivo farto!

E quantas vezes, pelas noites belas,
A' míngua dum lençol e dum carinho,
Eu adormeço sob um céu de estrelas,
Sonhando a paz do meu distante ninho!

E pobre, sem trabalho, qual mendigo,
Tenho saudades do viver antigo,
Da casinha, que, além, deixei na aldeia!

E do castelo que sonhei um dia,
(Quantas venturas! Louca fantasia!)
Restam só ruínas sobre um mar de areia!

HORAS D'AMOR

ADÚLTERA

São 4 horas e não vem!... Meu Deus...
Que atroz esta incerteza cruciante!
Mas, porque falta então?... Dizei-me, ó ceus...
Ela virá ou não, a minha amante?

O marido? Doença? Outros Romeus?
O relógio atrasado?... Que enervante!...
Uma traição, talvez, dos olhos seus...
Ou não fôra a mulher uma inconstante!

Ah!... Suprema ventura... Saltitando,
Lá vem ao longe, num febríl adejo,
As papoilas do riso desfolhando!

Ei-la, por fim, entre os meus braços louca...
Louca d'amor... sorvendo no meu beijo
Daquele mesmo mel que traz na bôca!

A ENTREVISTA

Mil palavras d'amor... Ao ser beijada
Prende-se ao meu seu doce olhar languído!...
Enlaço-a no meu braço e... abandonada...
Senti o peito seu ao meu cingido!...

Ela tremia então... e, num gemido,
Tranças soltas, nervosa, alucinada,
Segredou, mansamente, ao meu ouvido:
—«Não sei que sinto, Amor,... estou cansada!...»

Pelo seu cólo roça a minha face!
Ela, ansiosa, procura a minha bôca
Como se um mundo de prazer buscasse!

E assim, ambos d'amor estonteados,
Arfando os peitos numa ânsia louca,
Caímos no divã entrelaçados!...

PLATONISMO

Amo-te muito. Não calculas, não!
Amo-te a ponto, que daria tudo
P'ra possuir teu casto coração
E essas meigas olheiras de veludo!

Amo-te tanto (que alucinação!)
Que vou p'ra te falar e fico mudo!
Falo e não falo... e, nesta indecisão,
Curte meu peito um sofrimento agudo!

E passam horas, dias, passam mêses,
Tentando em vão falar-te, várias vezes,
Como se eu fôra ainda uma criança!

Mas... francamente... é que eu não sei que faça.
—Se me dizes que não... é uma desgraça...
Prefiro, pois, viver duma esperança!

PARADOXO

O grande Anibal, célebre guerreiro,
Do seu pequeno anel sorveu a morte!
E Sócrates, estóico e sobranceiro,
Bebeu da taça a mesma e triste sorte!

Demóstenes, de Atênas o primeiro,
No veneno sumiu seu verbo forte!
E Agripina, num beijo traiçoeiro,
Envenenou a Cláudio, seu consorte!

Morreu Anibal, Sócrates, e então,
Morreram todos, e, na convicção
De que o veneno é uma fatal bebida!...

Só os teus beijos—que mistério imenso!
(Fico intrigado quando nisto penso)
São um veneno que prolonga a vida!

VERTIGEM

Perdoe-me, Senhora, a fórma ousada
E mostre-me o seu corpo... que apetece!...
Quero ver essa carne perfumada
Numa espiral de sonho... que enlouquece!...

Deixe cantar meu beijo e não se apresse
Em esconder seu corpo d'alvorada!...
Sei que, ao poisar-lhes os lábios, entontece
Num enlêvo d'amor galvanizada!...

E a pouco e pouco, sentirá, Querida,
Como quem vai ao céu... á outra vida,
Estranho gôzo a sacudir-lhe o peito!

E no êxtase febril do meu desejo
Eu prometo arrastá-la no meu beijo
Aos divinos segrêdos do meu leito!

SONHANDO

Como está linda a noite! Mansamente,
Corre a brisa serêna, a soluçar!
No céu, estrelas mil, e, refulgente,
Siléne, doce e triste, anda a rondar!

Fecho a janela. Após, bem docemente,
Convida-me Morfeu a repoisar;
E, entregando-me ao leito fôfo e quente,
Pouco tempo depois puz-me a sonhar!

E então, sonhando, via-te ansiante,
Entre os meus braços, tonta de alegria,
Na perdição duma loucura amante!

E ao momento feliz de te gozar,
(Calcula tu, Querida, que arrelia)
Um móvel que caiu... fez-me acordar!

INVERNO

No seu profundo e lúgubre assobio,
Soltando aqui e além murmúrios d'Hebe,
Em neuropática ânsia alastra o frio,
Eólo vem trotando a passo leve!

E Jupiter, então, feroz, sombrio,
Nessa fúria tenaz que á fama deve,
Sacode a Terra em brusco calafrio
Ao transformar-se num bulcão de neve!

E é nesta quadra, quando entra o inverno,
Que mais me prendo em teu enleio terno,
Tão terno e doce que me acalma a dor!

E enquanto a neve tomba mansamente,
Sinto no leito o teu corpinho quente...
E a chama viva dum intenso amôr!

INFINÍTO AMOR

«Eu te quero! Eu te adoro! Eu te desejo»,
Doce mulher de fórma esplendorosa!
Em ti, ó meu destino, eu antevejo
Uma ventura ingente e dulçorosa!

E's sonho! E's arte! E's luz! E's o harpejo
Que a brisa géme ao afagar a rosa;
Enfim: és tudo que no mundo almejo,
E's o meu norte, estrela luminosa!

O' mármore de Milo! O' fantasia!
Contigo, que viver eu não faria
Entre soberbos roseirais, no Himêto?!

Mas... sinto febre, Amor, quási enlouqueço...
Porque se tanto amar não te mereço,
Que venha a morte após êste sonêto!

O CASTIGO

O' beleza sem par! Mulher divina!
O' rosa feita carne! O' tentação!
Que triste vida a minha, a minha sina!
Transformaste meu sonho num vulcão!

Com tua bôca fresca e pequenina
Juraste um dia a mais leal paixão!
E só porque sou pobre, peregrina,
Foste vender-te a outro coração!

E agora, que tristeza! Que amargura,
Quando te vejo andar, de braço dado,
Com esse outro feliz que te tortura!...

Foi castigo de Deus, mulher querida,
Por ter's feito de mim um desgraçado,
Mordido de ciúmes toda a vida!

EMILIA

Dentre os teus cabelos pretos
Ressalta um rosto meiguinho!
Do rosto, dentes correctos
Mordendo num moranguinho!

Ressaltam uns olhos lindos,
Mimosos, vivos, vorazes!
Como dois sonhos infindos
Cheios de esp'ranças falazes!

Ressaltam curvas formosas
Do teu colo sem igual;
E do colo, um cheiro a rosas,
—Das rosas de Portugal!

E da escultura estupenda
Do teu corpo, em linhas d'Arte,
Ressalta a Vénus da Lenda
Rindo de Baco com Marte!

A tua bôca é um tesoiro,
Teus olhos são um martírio,
O teu cólo é doce lírio
E o teu corpo imagem d'oiro!

Julgo-te feita de sonhos,
Daqueles sonhos de rosas!
Ou dos encantos risonhos
Das flores mais vaporosas!

Julgo-te feita d'aurora,
De purpúrea e doce luz,
Ou da carne, de que, outrora,
Foi feito o lindo Jesus!

Julgo-te, Amor, a ambrosia,
O sonho dum passarinho!
Tão casta como Maria,
Tão meiga como um pombinho!

E o rouxinol quando canta
Pelas noites de luar,
O seu trinado quebranta
Ao timbre do teu falar!

Ser Camões!... Ai, quem me dera
Cantar-te em versos perfeitos!
E depois... qual ramo d'hera,
Enroscar-me nos teus peitos!

HORAS DE PAZ

ESTIO

Manhãzinha! Ai que fresquinho!
Toca o sino para a missa!
Por entre lençois de linho
Toda a aldeia se espreguiça!

Manhãzinha! Ai que fresquinho!
Como sabe, pelo estio,
Saltar da cama,
E, muito cêdo, sem frio,

Mesmo em pijama,
Correr o vale, a ladeira,
Alvoraçando no espaço,
Ao rítmo do nosso passo,
A passarada brèjeira!

Manhãzinha! Ai que fresquinho!
—Ao despontar da alvorada,
Ponho os meus pés ao caminho
E lá me vou p'rá caçada,
Contente, a cantarolar!
Mas que lindo! Que surprêsa!
Como é bela a Natureza!...
Só o perlado do pomar
Me deslumbra! Que beleza!

Estendo o braço ao acaso,
E, dentre os frutos que vejo
Cobertos de diamantes,
Colho então um.

Em mil afagos o abraso,
Faço juras, dou-lhe um beijo,
Depois... (destino d'amantes...)
Quebro o jejum!...

Colho outro fruto, outro amor,
Na vida, tudo é maldade,
Pois, do primeiro (crueldade!)
Não resta nem o sabor!...

Fareja o cão no cerrado.
Toca a andar. 'Stou almoçado.
Diana promete caça.
Já surge Apolo!... Que graça!
Loiro arrebol!
Foi o cenário mudado,
E, à luz do sol,
(Metamorfose divina)
Fez-se a prata purpurina!

E' preciso andar ligeiro,
Não tarda aí o calor!
Já pelas fraldas do outeiro
Sôa o *vou-vou* do pastor!

E perdido entre a verdura,
Tapete de mil matizes,
Topo coelhos na lura,
Atiro, além, ás perdizes!

Manhãzinha! Ai que fresquinho!
Que prazer sair da cama
Para ver medrar o vinho
E os milheirais ganhar rama!

Ver o fumo dos casais
Pelo espaço! E que harmonia
No mugido dos currais,
No cantar da cotovia!

Atravesso o pinheiral;
Vou andando, vou andando...
Aqui, um pêto real,
Além, rôlas arrulhando!

E, pela encosta escalvada,
Vou trepando a penedia
Devagarinho!
E ouvindo a melodia
Que traz de longe a levada,
Rezo baixinho:
—Virgem Santa, Mãi de Deus,
Quanta beleza na Terra!
Como tudo em si encerra
A doce sombra dos céus!—

Manhãzinha! Ai que fresquinho!
Toca o sino para a missa!
Por entre lençois de linho
Toda a aldeia se espreguiça!

D. JUAN

Desponta a madrugada. Está florido Maio.
O Sol, esplendoroso, olhando de soslaio
Por trás duma montanha alcantilada e núa,
Faz pé-d'alfer's á Terra, e, beijando-a, vibrante
De luz, em luz a imerge, e deixa em sombra a Lua!

Numa luxúria imensa, enorme e palpitante,
Abrindo o seio em flor a rescender arômas,
A Terra, delirando, exibe as verdes pômas,
Entregando-se toda ao seu divino amante!

Num idílio feliz, de sonho e de noivado,
Corre o dia ditoso, olímpico e rosado!
Nunca foi tão formosa a linha do horizonte,
Nunca foi tão sonóra a pura água da fonte,
Nem o mimo do Sol tão quente e tão doirado!

A' tardinha, porém, surge, magoadamente,
Da merencória Lua o mágico palor
E o Sol (grande brèjeiro) inda fingindo amor,
A' Terra diz adeus, da curva do poênte,
Deixando-a em densa noite, anémica, docnte!

E lá se vai p'ró mar donde namora a Lua,
Que em doce palidez, no meigo rosto estúa
Uma paixão voraz, nostálgica, profunda!
E enquanto a pobre diz:—«Sou tua, apênas tua»—
O grande maganão, também de luz a inunda!

Num arrulho gentil, suave e perfumado,

Celébra, então, o Sol, este novo noivado!
Nunca a concha do céu têve um azul tão lindo,
Nunca a lira da brisa andou assim balindo,
Nem nunca a noite têve um tom tão prateado!

.....

Já vês, meu terno Amor, que tu não tens razão
De me chamar amiúde um louco, um D. Juan!...
Quando o doirado Sol, que é nobre, é grande, é rei,
Brinca como tu vês, peca como eu pequei...
Eu, que sou simples Pó, que hei-de fazer então?!

SERENATA

Muito longe, ao céu profundo,
(Que crime será o nosso?)
Chegam as vozes do mundo
Por te amar o mais que posso!

O povo, o que tem é raiva,
Por tu me ter's dado um beijo.
Outro motivo, que eu saiba,
Por mais que busque, não vejo!

¿Mas que nos importa a lama,
O rancor d'almas feridas
Que invejam a rubra chama
Que alimenta as nossas vidas?!

Escuta, pois, meu amor.
Vem ouvir a serenata:
—Vem ver o teu trovador
E o belo luar de prata!

* * *

Teus lábios (ó meu desejo!)
Foram feitos p'ra vibrar,
Da partitura do beijo,
A nota mais singular!

Sempre que o pranto te aflora
Sobre a face setinosa,
Julgo ver bagas d'aurora
A cintilar numa rosa!

Tão movediças e pretas,
As tuas pupílas são,
Que parecem borboletas
Em busca dum coração...

Tens os dentes tão gentis,
Brancos, perfeitos e unidos,
Que, ás vezes, quando sorris,
Sinto-os morder-me os sentidos!...

E's tão modesta e fresquinha
Como a simples margarida.
—Mas, sendo assim pequeninha,
Tu enches a minha vida!

Quando à janela desliza
Teu vulto cheio de brilho,
Diviso a tua camisa
Branquinha como um junquilho!

* * *

Não posso ter mais demoras,
Vai alta a noite... está frio...
E por andar fóra d'horas
Já me vão chamar vadio!

Mal tu sabes, linda flor,
O que me traz por aqui:
—De longe morro de amor...
Quero-me perto de ti!

Nunca suponhas que minto,
Terno amor, amor perfeito,
Pois, se sentires o que eu sinto,
Trazes-me dentro do peito!

Adeus, adeus, vou-me embora,
Recolhe ao leito, amorzinho!
Fica com Nossa Senhora...
Boas-noites, adeusinho!

HORAS DE FEBRE

LÁGRIMAS

Imerso num cismar ignoto e vago,
Subi o Parque em direcção à gruta,
Buscando, no silêncio, o doce afago
Que nos minóra n'alma o ardor da luta!

Entrei. Sentei-me; e vi, então, no lago,
O meu semblante triste. E tão hirsuta
Era a imagem de dor qu'inda hoje trago,
Que a fonte, consternada, disse:—Escuta:—

E num palrar tristonho e cristalino,
Tentando amenizar o meu destino
Contou-me, então, o seu penar insonte!

E o éco, além, carpia as mesmas fráguas...
Porém, depois, contando as minhas mágoas,
Vi lagrimas em tudo... até na fonte!...

ALVORADA FELIZ

Numa terrivel noite de invernía,
Sob o lajêdo frio duma ombreira
Dormia uma criança linda e fria,
Tendo um saquinho só, por travesseira!

Parei petrificado na agonía
Desse tremendo horror, na pasmaceira,
De ver como a miséria escurecia
A noite, já de si, tão agoireira!

Depois, no gesto simples de quem sente,
Tomando nos meus braços a infeliz,
Aconcheguei-a ao peito forte e quente!

E, dentro de minh'alma escalavrada,
Senti nascer o dia mais feliz...
De toda a minha vida desgraçada!

NEURASTÉNICO

Quero dormir e não durmo,
Porque dormir eu não quero!
Quero fumar e não fumo,
Se não fumo desespero!

Quero falar, fico mudo!
Mudo ficar, eu não posso!
Em casa pégo por tudo,
Quando janto, não almóço!

Se quero partir, já venho!
Se venho, de novo parto!
Do mundo saudades tenho
Quando do mundo ando farto!...

Pretendo às vezes sorrir
Por de sorrir não gostar!
E se chóro, é sempre a rir!
Se rio, é sempre a chorar!

Quero tudo sem ter nada!
Tendo tudo, nada tenho!
Sou sombra d'alma penada
Ao sabor de triste engenho!

Mas que desejo afinal?
¿Desejo morrer vivendo,
Ou, nesta *neura* fatal,
Fingir que vivo... morrendo?!

DIA D'ANOS

Quando o manto da noite, de mansinho,
Põe sobre a Terra sombras e mistério,
Eu penso em meu viver triste e mesquinho
E anseio a dôce paz dum cemitério...

Sonhei a minha casa um brando ninho
Tendo por Sol o teu amor etéreo;
E vejo-me no mundo tão sozinho
Como um coveiro em meditar funéreo...

Perder-te foi meu mal, mulher querida!
Depois que te vi morta, envolta em flores,
Não houve mais ventura em minha vida!

E é assim que vivo entre os mundanos,
Sentindo dentro d'alma amargas dôres
—Até no próprio dia dos meus anos!

TROVAS

Procurei a Soledade;
Só nela vivo contente!
Mas, a Tristeza e a Saudade,
Ganharam fórmas... são gente!

Há olhos lindos, sidéreos,
A luzir encantos tais,
Que até os próprios mistérios
Sonham mistérios iguais!

Se soubesses o cachão
De pranto, se te não vejo...
Saberias a razão
Porque ás vezes enche o Tejo!

Fui um descrente, um ateu,
Sem Deus, sem fé, sem govêrno!
Mas aquêle beijo teu...
Mostrou-me o céu e o inferno!

Esses teus olhinhos *castos*,
Deixa-os ir p'ró firmamento!
Que a estudar êsses dois astros
Hão-de os Sábios perder tempo!

Quando tu me estás beijando
(Deus me conserve a ilusão)
Sinto os teus beijos cantando
No fundo do coração!

Sátiras

DITOS DO POVO

FARPAS

Com teu corpo desnudado,
Vestida dessa maneira...
Tudo ri do teu noivado
E da flor de laranjeira!...

Murmuraste da vizinha
Gostar dum divorciado...
Quando tu, boca daninha,
Namoras homem casado!

Tens no rosto tantas tintas
De tantas e várias côres...
Que imitas, quando te pintas,
As palêtas dos pintores!

Teu beijo é (que desgôsto)
Leve traço de *baton!*
Deixa uma mancha no rosto
E não chega ao coração!

Das tuas juras fiquei
Duvidoso, francamente!
Pois voz do povo faz lei...
—E quem mais jura mais mente!

Sem te lembrar's, descarada,
Que trazes a perna à *vela*...
Zombaste da desgraçada
Que caiu... numa *viela!*

Quando regressas da igreja
(Póde ser da minha vista)
Noto em ti o quer que seja...
Teus olhos pedem *alpista*!

Andar nua? Que te importa!?
E' moderno! E' novidade...
O pudor é letra morta
Na Grande Sociedade!

Já tantos beijos trocamos
Por tantas e várias vezes...
Que nem sei o que arranjamos
P'ra daqui a nove mêses!

Chamaste-me libertino,
Um poeta pervertido...
Sou bem melhor que o cretino
Com que *enganas* teu marido!

Por causa das modas novas
Barbeias as sobrancelhas!...
Quero-me rir das *escôvas*...
Quando entrar's no rol das velhas!

* * *

Tão rosado e ajeitadinho,
Ai credo, dessa maneira...
Pareces mesmo um *queijinho*...
Queijinho frêsco da Beira!...

Voltaste a ser revoltado,
Chamas tudo aos do govêrno!
Só por não ser's colocado...
Nas profundas do inferno!

Católico ou avançado,
Conservador ou *formiga*...

Só te sentes bem do lado
Que não te *ofenda* a barriga!

Cuidadinho, cavalheiro,
Veja lá com quem se tenta...
Se a noiva vai ao barbeiro...
E' que tem pêlo na venta!

Nas olheiras, no jeitinho,
Nesse andar de *vaporosa*...
Fizeste que o Zé-Povinho
Te conheça por... *Barbosa!*

Com pretensões a lit'rato,
Critícas de tudo a rôdos...
Quando o teu *caco* barato
E' dos mais fracos de todos!

Vou mandar fazer p'rós pés
Umas *luvas*... ao calista!
Para ouvir de lés a lés:
—«Que moderno... e futurista!»

Fizeste grande griteiro
Do colega que faliu!
Mas tu, roubaste, sendeiro...
E julgas que ninguem viu!

Dos crentes, a Maratona,
Das várias religiões,
E', sem dúvida, ir a Roma
Ver o maior dos *Papões!*

Deus nasceu num curralzinho,
Morreu pregado na cruz!
Já vês, que, Roma é caminho,
Que te afasta de Jesus!

ESPINHOS

CARNAVAL

Impera louco gôzo;
Prazer febril, nervoso,
Que o éter incendeia!
E tudo rodopia
Numa tonta alegria
Que cansa e estonteia!

Carnaval, é folia
Feita selvajaria!

Olhai, e vêde bem...
Pierrot e Columbina
Que fúria os anima,
A cara que êles têem!

Que falta de vergonha!...
Sorriso onde há peçonha
E instintos de chacal!
Olha a velha *gaiteira*
Com modos de rameira
Pensando inda no mal!

Lá vão longos cordões
De gente, aos apalpões,
Prostituindo o amôr!
Que coisa feia e bruta...
A virgem prostituta
E a meretriz na dôr!

¿Quantos pobres sem pão,
Velhinhos sem gabão,
Crianças sem camisa?!...
E eu quedo-me a cismar
Ao ver assim lançar
Tanto dinheiro á brisa!

A UMA VÊNUS

Esse teu olhar divino,
Esse teu divino olhar,
Causa o alvorôço dum sino
Quando há fogo no lugar!

Anda o teu riso a mostrar
Entre o *marisco* dos lábios,
Pérolas que hão-de pasmar
Os joalheiros mais sábios!

Tens os seios tão altinhos
E ebúrneos, minha louca,
Que os meus beijos (coitadinhos)
Não podem trepar-te à boca!

Como santa milagrosa
Tu tens romeiros até;
Que p'ra te ver, linda rosa,
Caminham, de longe, a pé!

Eu sinto volúpias tais
Quando vejo o corpo teu,
Que chego a pensar que vais...
Que vamos ambos ao céu!

Mas não te invejo a ventura,
(Só se tu *for's* excepção!)
Pois as obras de escultura
São pedras sem coração!

NUM ALBUM

Se Garrett ressuscitasse
E a Joaninha encontrasse
Dolhos fundos e pintados,
Com os cabelos cortados,
Colo nu, e a perna à vela;
Ou se a visse de *farpela*,
De gravata e colarinho,
Assestando o seu *caquinho*
E brandindo o seu *stick*,
Varonil, como os d'Ourique;

Ou se a visse em certos dias
Dos desportos, das folias,
A fumar, perna cruzada,
Toda arisca e espevitada,
Jogando a bola, o *basket*
Ou dançando a *Salomé;*
E por fim, se a visse, ainda,
Sem essa ternura infinda
Que fazia da mulher
Uma rosa, um bem-me-quer...
Naturalmente diria
Com funda melancolia:
—«Onde estás, ó Joaninha,
Toda dôce e louçãzinha
Como os meigos passaritos?
¿Teus olhos verdes, bonitos,
E as tranças dos teus cabelos,
Onde estão, que quero vê-los?»
E o éco responderia
Numa profunda agonia:
—Ela, o teu rico amorzinho,
Foi Joana... é Joãozinho!

GENTE D'ALFAMA

—«Vem do outro, não é, ó... figurona?
Aproxime-se, vá, não grite... schiu!...
Conte já o que fez... ou... vai tapona...
Só a verdade... olhe que eu sei... ouviu?...»

—Mentira! (gritou ela) Quem mentiu?
—«Eu soube pelo Russo... mandriona!...»
—Garoto... juro... é falso... êle latiu...
—«Não grite assim... estúpida... intrujona!...»

—Tu quer's mas é *pegar*... homem sem pejos!...
—«Ah!... sim?... Pois *toma*... escárneo das mulheres!...»
—Ai, ai!... Não batas... deixa-me... se queres!...

.....

Há um rumor na alcova! Entre queixumes,
Suspiros sensuais! São os ciúmes
A desfazer-se num milhão de beijos!

ÍNDICE

Prólogo. 9
A Alguém 19
Recordação saüdosa 25
Remember 29
Recordar é viver 31
Emigrado 33
Adúltera 37
A entrevista 39
Platonismo 41
Paradoxo 43

Vertigem 45
Sonhando 47
Inverno 49
Infinito Amor 51
O castigo 53
Emília 55
Estio 61
D. Juan 67
Serenata 71
Lágrimas 77
Alvorada feliz 79
Neurasténico 81
Dia d'anos 83
Trovas 85
Farpas 91
Carnaval 99
A uma Vênus 103
Num album 105
Gente d'Alfama 107

Este livro foi composto
e impresso na Tipografia
de o «Noticias de Fafe»
F A F E — 1 9 3 2

ERRATAS

Como não seria fácil rectificar aqui, e por fórma clara, certas deficiências de revisão contidas neste livro, fica êste assunto a cargo do leitor.

biblioteca
municipal
barcelos
55033
Beijos & sátiras